O espaço da exclusão

o limite do corpo na sala de aula

Carmem Lúcia Guimarães de Mattos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MATTOS, CLG. O espaço da exclusão: o limite do corpo na sala de aula. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 117-129. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O espaço da exclusão: o limite do corpo na sala de aula

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

Neste capítulo são revisitados e apresentados os dados da pesquisa Fracasso escolar: imagens de explicações populares sobre dificuldades educacionais entre jovens de áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro (1992-1996). Os dados apresentados neste capítulo sintetizam as análises sobre o espaço físico de sala de aula como um dos determinantes da exclusão social de alunos no ensino fundamental. Teoriza sobre a interdependência entre o limite do corpo e a identidade social do aluno como membro do grupo constituído da sala de aula. Demonstra práticas de estigmatização de alunos e alunas e sua mobilidade física como instrumento de controle disciplinar e como critério avaliativo que determina seu sucesso ou fracasso ao final da série escolar.

Para demonstrar a afirmação de que o espaço físico delimita o corpo e marca a inclusão ou não do aluno no grupo de sala de aula procedemos ao mapeamento de várias classes de Ensino Fundamental, dentre elas apresentamos as análises da classe de 5º ano de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, cuja a professora foi colaboradora nesta pesquisa. Estavam presentes, no dia em que este mapeamento foi realizado, 24 alunos. A sala de aula da professora Rita mede 6m², as carteiras estão dispostas em grupos de quatro, o que não significa trabalho em grupo, pois os alunos, geralmente, trabalham de modo individual.

Confrontamos o mapa físico de localização dos alunos com os seus resultados escolares, e encontramos uma estreita correlação entre estes dois fatores. Encontramos ainda, através de outros instrumentos: entrevistas, observação participante e registro de vídeo das aulas, que existe uma forma de distribuição física dos alunos em sala de aula que evidencia critérios discriminatórios de pertencimento ao grupo.

Segundo Bourdieu (1969):

Não há sociedade que não proponha, além dos modelos de conduta codificada ou não, modelos de conduta perfeita e exemplar, modelos que regem a maneira de executar os modelos, regras que regem a maneira de obedecer às regras ou de desobedecer-lhes: no jogo da excelência, o jogo com a regra sempre faz parte da regra do jogo (*apud* SIROTA, 1994).

É possível perceber pela fala da professora, abaixo citada, a distribuição dos alunos é feita a partir de critérios pouco claros para os mesmos, o que não os impede de descobrir, através de meios que lhes são acessíveis, alguns destes critérios.

...o Daniel que ficou com “D”, que ele esse bimestre não quer nada, é brincadeira, sabe, faz parte do grupinho lá de trás da brincadeira (Daniel, aluno da turma).

Diferenciação entre os grupos... ele é da patota do pessoal

No interior da sala de aula evidenciou-se a existência de um tipo de “jogo” com o qual a professora de valorizava ou desvalorizava alguns alunos. O comportamento dos alunos passa a ser comparado, diferenciado, hierarquizado baseado em normas sutis. A classe, obviamente heterogênea, é classificada a partir de critérios homogeneizadores: os melhores, os piores, os que trabalham, os da bagunça, os do fundo da sala, os da patota.

Os alunos participam ativamente desse jogo percebendo o seu enquadramento enquanto pertencendo a um determinado grupo. As formas de classificação e de diferenciação sutis são assim explicadas pela professora Rita:

... ele é muito desligado, ele é daquele que não quer nada. Ele é da patota do pessoal....

... a Joana é bitolada mesmo, coitada, desculpe o termo, é horrível o que eu vou usar, é emburrecida mesmo. Ela tem um, tem um problema, um bloqueio total, mas é demais de esforçada.

A avaliação caracteriza-se pela aplicação de normas internas reguladas pelas ações dos alunos formando conceitos sobre os mesmos que, por sua vez, classifica os grupos dentro de uma hierarquização de *status* do aluno, isto é, percebemos que o aluno que se senta nas primeiras fileiras recebem mais atenção por parte da professora do que o aluno que senta-se nas últimas, enquanto, os alunos que sentam-se ao fundo da sala não são cobrados quanto às execuções das tarefas. As normas sociais vigentes em cada sala de aula variam de acordo com o grupo e pela localização física de seus corpos, estando mais próximos ou mais afastados da mesa da professora.

O enquadramento do aluno em determinado grupo como sendo: “*um determinado*”, passa a ser ratificado pela separação e remanejamento físico em sala de aula. Ou seja, o grupo de alunos considerados bons ficam sentado de um lado e o grupo de alunos considerados ruins ficam sentados do outro lado da sala de aula.

Quadro 1 Espaço de sala de aula: inclusão e exclusão

Fonte: Filme da Sala de aula da Pesquisa: Fracasso escolar: imagens de explicações populares sobre dificuldades educacionais entre jovens de áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro -1992 a1996 (MATTOS,1996).

Confirmamos os dados ilustrados pelo Quadro 1 através de entrevista com os alunos que afirmaram:

... tem um, dois lados. O lado da galera da bagunça e o lado da galera que fica quieto. É, fica a bagunça de um lado e do outro lado fica um monte de gente que tá fazendo o dever. (Ricardo – 5º ano).

Segundo Keddie (1971) existe discordância entre as normas pedagógicas utilizadas por professores e sua prática cotidiana que mostram como os alunos são, muitas vezes, vítimas de percepções estereotipadas. Este processo é evidenciado quando dividem-se em grupos de níveis crianças e jovens de um mesmo grupo, ano escolar ou situação de aprendizagem. Esta divisão oferecem indícios para perceber as variações nos saberes transmitidos a esses diferentes grupos em função desses estereótipos.

A descrição desse processo permite compreender como as dificuldades educacionais e as identidades sociais de alunos são construídas. Estamos interessados em fenômenos que, no interior da sala de aula, criam e mantêm as desigualdades sociais. Não se trata de descobrir o “por quê”, mas o “como” são construídos estes estereótipos e quem eles servem.

Foi possível evidenciar pelo menos duas formas de avaliação responsáveis pela identificação de processos de marginalização e exclusão dos alunos tanto pelo professor quanto pelos próprios alunos. São elas: (1) o primeiro caracteriza-se pela forma diferenciada de comunicação que a professora mantém com os diferentes grupos. Exemplo: comunica-se mais ativamente com os alunos sentados à frente de forma instrutiva e com a voz regular. Comunica-se raramente com o grupo do fundo da sala com a voz alterada, quase sempre chamando a atenção do grupo sobre problemas de comportamento. (2) o segundo caracteriza-se pela forma com que os alunos identificam sua inclusão ou não no grupo de pertencimento que tem chance de obter aprovação tanto no ano escolar quanto no grupo de alunos e professores. Exemplo: ao ser promovido para o grupo da frente o aluno

passa a comportar-se como um aluno com possibilidade de aprovação, ao ser enviado para o grupo do fundo da sala ele tem quase certeza da sua reprovação e passa a agir como pertencendo ao grupo da bagunça.

Esta forma de avaliação parece fazer parte da rotina das escolas de um modo geral. Segundo Ribeiro (1993) existe algo de profundamente errado no sistema público de educação que faz com que os estudantes passem dias e anos em instituições que lhes dão muito pouco e terminam, em muitos casos, por estigmatizá-los pelo fracasso e repetência. Dessa forma, a escola constitui-se num sistema de classificação dos indivíduos que contribui para manter as desigualdades sociais fora dela.

A sala de aula da professora Rita: ... *ela ignora os outros meninos que não são bons alunos.*

Em entrevista com a professora Rita foi evidenciado que, no contexto da sala de aula existem pelo menos dois tipos de alunos que recebem a atenção da professora de formas distintas. O primeiro, o grupo “dos melhores” é a minoria, pois são os alunos que não estão defasados na série ou têm uma defasagem pequena. O segundo, é o grupo dos “alunos piores” onde se incluem aqueles com maior defasagem em relação a série. Enquanto que o primeiro grupo recebe atenção e disponibilidade da professora, o segundo não recebe esta mesma atenção por parte da mesma que, não raro, estabelece uma relação de falta de credibilidade quanto ao sucesso dos alunos, garantindo que estes são aqueles que não “merecem ser trabalhados, pois não renderão muita coisa no final do ano”.

Observou-se quanto a localização dos grupos na sala de aula que dentre os 24 alunos que estavam na sala neste dia, 4 faziam parte do grupo considerado pelos alunos como a turma da bagunça e pela professora como o grupo dos piores.

Acreditamos que a localização física preferencialmente adotada pelo grupo dos alunos bons coincide com a preferência da professora pois dele resultou o maior número de

aprovação no final do ano. O contrário, vale para o comportamento do segundo grupo, como pode ser observado pela fala dos alunos:

Ela só dá esporro. É, ela não xinga, ela fala pro bem da gente. Ela fala assim: se você não faz isso ô viadinho, eu vou te dar porrada. Se você não se comportar (...) eu vou mandar os garotos te linchar. Te dar muita porrada pra tu aprender. Ela fala de brincadeira, mas a porrada é de verdade (Rogério e Leonardo, falando alternadamente – 5º ano).

Durante o ano, aos alunos do grupo considerado ruim são dadas algumas chances para mudarem sua localização passando para o grupo dos bons, no entanto, a chance é sempre retirada dependendo da avaliação da professora e dos demais alunos. Neste caso, o aluno e a professora consideram que este aluno não aproveitou a oportunidade ou a chance que lhe foi dada para mudar de *status* no grupo. Como nos explica os alunos abaixo:

... aí eu ficava naquele lado, aí a dona Rita me deu uma chance e me botou no lado da galera que fica quieto, aí eu perdi a chance e voltei pra lá de novo.

Porque ela sabe, ela sempre fala pra mim: você é inteligente, o negócio é que você faz muita bagunça, eu te boto pra voltar lá de novo. É assim que ela fala. Ela tipo me deu uma chance (Renato – 5º ano).

Não “aproveitando” a “chance” que lhe foi dada o aluno retorna para o seu grupo de origem, que provavelmente receberá menos atenção, informação e credibilidade de professora.

Só lá pro final, começa a querer melhorar só que não dá mais tempo, já não vai passar mais. Aí acabou (Reginaldo – 5º ano).

Incluído no contexto de sala de aula sem, no entanto, gozar do *status* de “membro do grupo de alunos”, o aluno considerado desinteressado, bagunceiro e agitado, ou que se senta nas últimas fileiras de carteiras, procura entender e identificar os critérios que avaliam a sua identidade como aluno, quais destes interferem na sua passagem à categoria de “aluno membro do grupo” e, os macetes para usufruir uma posição privilegiada dentro da sala de aula, assim como os demais alunos. Como ratifica a citação abaixo:

Na sala de aula não se trata unicamente de transmitir ou ensinar saberes, trata-se sobretudo de “fazer frente” a situação aprendendo os macetes, os truques do ofício, a descobrir como se virar, a descobrir as hierarquias, os temas apropriados de conversa, os tabus... (SIROTA, 1994).

Acreditamos que os alunos pertencentes ao grupo dos “piores”, da “bagunça”, dos “ruins” são críticos de sua condição dentro de sala de aula e da importância que a sua localização física representa para a sua aprovação ou reprovação. No depoimento do aluno abaixo, sobre o momento em que este já sabe que vai ser reprovado, podemos perceber claramente esta percepção:

Quando a professora já começa, porque tem um, dois lados. O lado da galera da bagunça e o lado da galera que fica quieto. [...] Fica na mesa assim, é tudo... é a mesa. Só que tem um lado que fica a galera da bagunça, é a galera [...]. Não, ela não separa não. Tá cheio de mesa vem e sentam no lado que é da bagunça. [...] Quando ela começa já... por exemplo, eu tô na ala do silêncio, aí ela já me começa a fazer... bota na bagunça, já é uma prova que eu não vou passar mais (Vinícius, 5º ano).

Os exemplos do Quadro 2 e 3 abaixo, vivificam as imagens dos espaços de sala de aula, em outro dia de observação diferente do demonstrado no Quadro 1 anteriormente apresentado,

e ilustra mais uma vez como a localização dos alunos, mais próximos e mais distantes da professora era marcado na sala de aula e implicava numa separação territorial de pertencimento em sala de aula e no grupo daqueles que recebiam mais atenção da professora que estavam engajados na tarefa e que no caso desta classe receberam conceitos melhores e passaram de série:

Quadro 1

Espaço de sala de aula: exclusão por afastamento da professora

Fonte: Filme da Sala de aula da Pesquisa: Fracasso escolar: imagens de explicações populares sobre dificuldades educacionais entre jovens de áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro -1992 a1996 (MATTOS,1996)

Quadro 3

Espaço de sala de aula: inclusão por aproximação da professora

Fonte: Filme da Sala de aula da Pesquisa: Fracasso escolar: imagens de explicações populares sobre dificuldades educacionais entre jovens de áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro -1992 a1996 (MATTOS,1996)

Dos 24 alunos presentes a sala de aula da professora Rita, os quatro que estavam sentados na “ala da bagunça” foram reprovados sendo que um foi “convidado” pela professora a não vir mais à escola a partir dos meses de novembro do ano letivo (em que a pesquisa foi realizada).

A dona Rita falou com a diretora que não quer ver a cara dele [do aluno] nem pintada aqui no colégio. Ela avisou que ele não ia passar de ano. Então não precisava vir mais.

Pesquisas de Ribeiro (1993) demonstram que as estatísticas oficiais não incluem a “repetência branca” que compreende aqueles alunos que foram “aconselhados” a não se submeterem às avaliações do final do ano para evitar a reprovação, já decidida à priori pelos professores. Esses são convidados a retornar no ano seguinte. Esta estratégia não apenas encobre a repetência sob o véu da atribuição de responsabilidade ao aluno por não permanecer na escola. Entretanto, permanecer implica em vivenciar no espaço da sala de aula regras que mudam o tempo todo na dinâmica das interações entre a professora e os alunos na sala de aula.

Considerações finais

O espaço da exclusão na sala de aula ofereceu indícios para pensar o modo como foi retirado dos alunos a possibilidade de superação de suas dificuldades educacionais. Promoveu um tipo de homogeneização que pode ser considerada como perversa se entendemos que a escola é o espaço de integração, de respeito às diferenças, de oferecer uma educação de qualidade, dentre outras funções. Ao aluno considerado como bom ou mau em função do comportamento não é oferecida a possibilidade de obter uma avaliação objetiva e clara quanto a suas aprendizagens em sala de aula. Aos alunos excluídos ao longo do ano letivo resta receber o resultado, ao final do ano, de uma avaliação equivocada quanto ao que se refere aos processos educacionais uma vez que já é amplamente conhecido pelos professores, gestores e os próprios alunos que eles

não possuem a chance de serem aprovados. Ressalta-se que os mesmos permanecem ainda que em condições que não podem ser revertidas.

Bourdieu (1998) menciona o assunto explicando sobre os excluídos do interior. Esse processo a que a escola expõe seus alunos baseada em uma perspectiva de inclusão educacional na prática não se efetiva.

Os alunos vivenciam criticamente as configurações da sala de aula para informar sobre os que são bagunceiros, piores, ruins. Entendem que estar do lado “certo” da sala de aula poderá promover os às etapas seguintes da escolarização. Entretanto, coexiste no espaço da sala de aula a necessidade de pertencer ao grupo de amigos, implicando em seguir as regras deste e o de pertencer no espaço de inclusão nomeado pela professora com outras regras. Cabe aos alunos decidirem, pois como explicou Vinícius que se ele for para o outro lado encerraram-se suas chances de ser aprovado, ou seja, de passar para o outro lado.

Aprender sob a esfera da impossibilidade, do medo e da falta de clareza quanto aos objetivos do processo educacional torna a vida escolar do aluno um jogo de negociações diárias no qual a dinâmica se altera de acordo com o momento da interação entre a professora e os alunos. Resta questionar como é possível estabelecer um processo avaliativo que possa promover as aprendizagens dos alunos e não perpetuar espaços de exclusão em sala de aula inviabilizando a redução das desigualdades socioeducacionais deixando de ser a terra prometida que se afasta no horizonte.

Referências

RIBEIRO, S. C. A educação e a inserção do Brasil na modernidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 84, p. 63-82, 1993.

SPRADLEY, J. P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

KEDDIE, N. Classroom Knowledge. In: Young M. **Knowledge and Control**. London: Collier & Mac Millan, 1971.

SIROTA, R. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.